

## Algumas reflexões sobre a arte de ensinar

Some reflections on the art of teaching

Regina Simplício Carvalho<sup>1</sup> André Simplício Carvalho<sup>2</sup>

Em 1950, o escocês Gilbert Arthur Highet publicou o livro: *A arte de ensinar* (HIGHET, 2018) trazendo abordagens relevantes e atuais. Elenca atributos de um bom professor e descreve estratégias para estimular a aprendizagem dos alunos e para auxiliar a construção do conhecimento pelos mesmos.

Segundo o autor, os primeiros mestres no mundo ocidental foram os sofistas. Estes eram oradores profícuos e viajavam por toda a Grécia levando o conhecimento. O filósofo Sócrates, ao contrário dos sofistas, atuou apenas na cidade de Atenas. Ensinava de uma forma diferente, propondo questões, utilizava a “conversação comum como método de ensino” e estimulava que os alunos se manifestassem, falassem (HIGHET, 2018, p. 168). Platão, reproduzindo o método socrático, escreveu na forma de diálogos, e estabeleceu uma escola própria. Aristóteles foi aluno de Platão, de dezessete a até quase quarenta anos e, após empreender viagens, fundou o seu Liceu. A maioria dos trabalhos atribuídos a Aristóteles são apontamentos de aulas de seus alunos contendo exposições e debates.

Jesus de Nazaré é considerado por Highet (2018, p. 177), “o mais famoso mestre do mundo ocidental”! Ensinava ao povo e aos discípulos, usando linguagem apropriada, e esses últimos eram enviados à diversas localidades, replicando e propagando as suas ideias.

Logo na introdução do livro, o autor assume a dificuldade em escrever sobre a arte de ensinar, pois esta depende do momento, do país, da geração, enfim, são várias variáveis. São milhares de coisas a ensinar e milhares de coisas a aprender, parte são ensinadas nas escolas, mas a maior parte, fora delas. Atualmente então, com o acesso à internet, bilhões de informações estão disponíveis e outras não tão disponíveis assim, como na *Deep* e na *Dark web*<sup>3</sup> (DUARTE; MEALHA, 2016).

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Química da Universidade Federal de Viçosa. Ex-professora do CAp/COLUNI. E-mail. resicar@ufv.br

<sup>2</sup> Pós-doutorando da Universidade Federal de Santa Catarina. Ex-aluno do CAp/COLUNI. E-mail:

<sup>3</sup> A *Deep Web* é a parte da Internet que não se encontra registrada, não sendo possível acessá-la pelos métodos de busca tradicionais. Dentro da *Deep Web*, existem websites não registrados e que só podem ser consultados com o uso de uma *Darknet*, constituindo assim a *Dark Web*. (DUARTE; MEALHA, 2016).

O autor encerra a introdução do livro afirmando que “um dos principais deveres de cada mestre é saber estimular a outros” (HIGHET, 2018, p. 28) e pretende mostrar “como o ensino possa ser bem conduzido” (HIGHET, 2018, p. 29). Reconhece que os professores são um dos profissionais mais mal pagos com relação a outras profissões e aponta como vantagens da profissão: as férias diferenciadas, o uso da inteligência em seu emprego e a satisfação de criar alguma coisa.

Como requisitos para ser um bom professor, Highet (2018) lista, em primeiro lugar, que o professor precisa conhecer bem a disciplina que ensina e aponta:

Não é bastante que um professor de química saiba apenas a parte que ensine e seja exigida nos exames finais. Ele deve realmente compreender a química como uma ciência. [...] ele deve saber quais são as mais importantes e novas descobertas dos últimos tempos. [...] e (o que é mais importante) como os grandes químicos do passado e do presente tem vivido e trabalhado. HIGHET (2018, p. 35).

Paulo Freire (2013), em seu livro *Pedagogia da Autonomia* escrito em 1996, considera que o professor deva estudar e zelar pela sua formação e ainda acrescenta, “O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor”. (FREIRE, 2013, p. 90).

Para Highet (2018, p. 35) “[...] ensinar é inseparável de aprender. Todos os bons professores aprendem mais sobre a sua disciplina, a cada ano, a cada mês e, se possível a cada semana”. Tanto Freire (2013) quanto Perrenoud (2000) abordam a importância da formação continuada. O professor deve gostar daquilo que ensina, acreditar na importância de sua disciplina e falar com conhecimento e entusiasmo sobre ela pois “os jovens não exigem onisciência. Sabem que ela é inatingível. O que eles reclamam é sinceridade”. (HIGHET, 2018, p. 42).

O autor afirma ainda, que o professor deve gostar dos alunos e conhecê-los bem para que possa adequar os procedimentos de ensino. Corroborando esta diretriz, Perrenoud (2000) considera como uma das competências, que o professor desenvolva situações didáticas a partir do perfil do aluno e, como professores, sabemos da importância desta adequação.

Highet (2018) recomenda o convívio com os alunos, mesmo fora das horas de trabalho, que o professor os ouça e reflita sobre a sua própria juventude, procurando fixar os nomes e a fisionomia de cada um, mas mantendo as relações num tom impessoal.

Sobre a relação de alunos e professores, Freire (2013, p. 138) afirma que “ensinar exige querer bem aos educandos” e analisa “[...] o que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor, no exercício de minha autoridade.”

Para o Highet, o professor cumpre duas funções, a primeira função é estabelecer uma ponte entre a escola e o mundo, devendo levar os jovens a compreender que “os dois mundos estão estreita e necessariamente ligados entre si, e que a luz e a energia, que se geram num deles, fluem para o outro incessantemente”. (HIGHET, 2018, p. 69).

Ao se referir às disciplinas, o autor alega que algumas delas podem ser utilizadas para aplicações imediatas e isso pode facilitar a compreensão dos alunos, mas alerta que não é possível esta aplicação imediata para todos os conteúdos e que esta tentativa de aplicabilidade pode conduzir, em alguns casos, “a superficialidade e baixos padrões de pensamento”(HIGHET, 2018, p. 70). A expressão utilizada pode ser interpretada como as categorias de conhecimento e compreensão na estrutura da Taxonomia de Bloom no domínio cognitivo (FERRAZ; BELHOT, 2010).

A segunda função do professor, segundo Highet (2018, p. 71) “é também a de construir uma ponte entre o mundo da juventude e o mundo dos adultos”. Nesta função o professor buscará interpretar a vida adulta para os jovens a fim de levá-los ao amadurecimento.

Considera que o humor está entre as mais importantes qualidades do bom professor, pois o mesmo mantém os alunos vivos e atentos, alerta, no entanto, que tal qualidade não deva ser usada para dominar a classe, mas deve servir para estreitar os laços entre o mestre e os alunos. O humor é um dos meios de estabelecer

[...] uma relação de duplo movimento, um ‘dar’ e ‘receber’, alguma coisa como uma relação de unanimidade entre os alunos e o professor. [...]. Quando numa classe, o professor e os alunos riem juntos, deixam por algum tempo de estar separados pela individualidade de cada um, pela autoridade e a idade. Tornam-se uma unidade, que sente viva satisfação em participar de uma mesma experiência. (HIGHET, 2018, p. 75).

Segundo o autor um dos melhores recursos para juntar a tendência gregária à de recreação é organizar as ocupações, como se fossem jogos coletivos. O sentimento de grupo, ou o espírito de corporação, é condição essencial ao bom ensino. Perrenoud (2000) também destaca a importância dos jogos e trabalhos em grupo.

Ramon Cosenza e Leonor Guerra (2011, p. 84) no livro *Neurociência e educação: como o cérebro aprende*, trazem pensamentos similares: “Considerando a tendência gregária dos adolescentes, é bom estimular a confiança no grupo e estimular os trabalhos em colaboração”.

A competição é uma tendência natural entre meninos e adolescentes, assim sendo, deve-se utilizar a competição no trabalho escolar, desde que bem dirigida (HIGHET, 2018).

Interessante observar que Highet (2018) afirma que a concentração tem que ser aprendida na escola e junto a ela a capacidade de escolher. Para que a aprendizagem aconteça e o conhecimento seja construído, tem que haver primeiramente atenção, foco em determinado objeto ou situação. Se não se consegue centralizar (focar) não é possível aprender de forma eficiente.

Highet (2018) disserta que um professor deve ter boa memória, força de vontade e bondade, com relação ao último requisito, Freire (2013, p. 90) utiliza o termo generosidade, como “qualidade indispensável à autoridade em suas relações com as liberdades” quando analisa a autoridade docente.

Métodos do professor é um tema relevante para o autor, que o discute em mais de cem páginas do livro. Atribui importância à apresentação do plano de ensino, pelo professor, à classe, acrescido da justificativa da necessidade de determinado aprendizado. Ressalta sobre o talento da comunicação, como atividade básica da espécie humana, e como se deve utilizar de diferentes tons de voz, quando se quer sublinhar algum assunto em aula, variando os tons, a velocidade, a força da fala, voz e gestos.

A neurociência chama a atenção sobre a linguagem emocional que é corporal antes de ser verbal daí a importância dos gestos, por vezes, a postura e atitude do professor pode interferir de forma negativa no processo de ensino (COSENZA; GUERA, 2011).

O professor pode fazer uso da preleção ou do sistema tutorial (perguntas e respostas). Neste segundo caso, o aluno deve ter feito algum trabalho preparatório para que o professor possa examinar, criticar e aprofundar os seus conhecimentos, mediante perguntas de feição construtiva. Ou ainda utilizar um terceiro método, onde os alunos aprendem uma lição (um trabalho preliminar), a lição é aprofundada pelo professor, que depois interroga os alunos. O que é mais importante, segundo Highet (2018, p. 138, grifo nosso), é que os alunos compreendam “a aprendizagem e o ensino como **um esforço de cooperação**”.

O autor considera que, para os jovens, é penoso lembrar fragmentos de informação que eles não possam relacionar com a sua própria vida, ou inserir dentro de um esquema maior, percebe-se nesse trecho, a necessidade da prenunciada contextualização, referendada nos documentos oficiais tais como Orientações Complementares para os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN<sup>+</sup> (BRASIL, 2002) e a Base Nacional Comum Curricular, BNCC (BRASIL, 2018).

Segundo Highet (2018), os jesuítas aconselhavam aos mestres que compusessem cuidadosamente as suas perguntas, fazendo-as variar, afim de que não houvesse somente repetição mecânica, mas, enfatizava que era necessário repetir. A neurociência também aponta a necessidade da repetição para a assimilação e, concordamos que o uso da memória é relevante para a vida acadêmica e para o exercício das profissões.

Uma questão interessante, não frequentemente abordada, mas que o autor trata de forma bem peculiar, refere-se à tradição de uma escola. “Esse poder, ou essa força, é a tradição da escola ou da universidade.” (HIGHET, 2018, p. 145-146).

De acordo com o autor, a tradição desenvolve o espírito através do encorajamento e o jovem aprende diferentes maneiras de viver e tem a oportunidade de verificar exemplos.

O sentimento de ordem também vai sendo impregnado. A vida humana depende de organização, de planejamento. “Não importa que seus diplomados sejam conservadores ou revolucionários, reformadores ou excêntricos; de qualquer modo, eles sabem que a sua própria vida, quer queiram quer não, é uma parte da organização humana”. (HIGHET, 2018, p. 149).

Uma velha escola ou universidade, com respeitável tradição, muitas vezes produz reformadores e revolucionários; mas não serão anarquistas. Ensaiam contribuir para melhor ordem do mundo. “Ensinam a responsabilidade” (HIGHET, 2018, p. 151).

Atribui também às escolas tradicionais o afloramento da emulação, sentimento que leva o indivíduo a tentar igualar-se ou superar outrem. Ainda traz que “o progresso é uma rivalidade bem-sucedida com o passado”. (HIGHET, 2018, p. 153).

O Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa - COLUNI é um exemplo típico dessa força da tradição, que pode ser um dos fatores que explicam o sucesso do mesmo, mantendo-se como a escola pública com maior nota no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM durante vários anos (GOMES, 2014).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitas as reflexões que o autor disserta em busca do domínio da arte de ensinar e de que, principalmente, esta arte possibilite contribuir para a efetiva aprendizagem dos conteúdos pelos alunos. Aborda temáticas sobre a práxis do professor em linguagem simples e direta, além de apontar valorosas soluções para problemáticas reais.

Na atualidade, com amplos recursos de consulta e informação, o papel do professor tem sofrido mudanças, mas continua intermediando o diálogo com o mundo. É ele que tem condições de apreciar se determinada informação é de fonte confiável ou não. O senso crítico do professor é requerido permanentemente, e este continua sendo uma figura de referência e confiança para o educando.

Levando em consideração as reflexões apontadas com maestria por Highet (2018), finalizamos citando Nóvoa (2017, p. 1125) “cada um tem que encontrar a sua maneira própria de ser professor, a sua composição pedagógica”, ou seja ir se fazendo professor, zelando e aprendendo no caminhar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2002.

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

COSENZA, R. M.; GUERRA, L. B. **Neurociência e educação**: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DUARTE, D.; MEALHA, T. **Introdução à Deep Web**. IET Working Papers Series, WPS01/2016, Lisboa: IET/CICS.NOVA. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/18052>. Acesso em 26 de junho de 2020.

FERRAZ, A. P. D. C. M.; BELHOT, R. V. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. **Gestão Produção**. v. 17, n. 2. p. 421 - 431, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOMES, L. O. A fabricação da excelência na escola pública: notas acerca de práticas educacionais e trajetórias escolares de sucesso. **Revista @rquivo Brasileiro de Educação**. Vol. 2, n. 4, p. 56 – 73, 2014.

HIGHET, G. **A arte de ensinar**. 1. ed. Campinas - SP: Kírion, 2018.

LIBÂNIO, J. B. **A arte de formar-se**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017.

PERRENOUD, P. **As dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.